



(COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA)

Director, Proprietário e Editor: — *Dr. Manuel Marques dos Santos*  
Composto e impresso na União Gráfica, 150, Rua de Santa Marta, 152 - Lisboa

Administrador: — *Padre Manuel Pereira da Silva*  
Redacção e Administração: Seminário de Leiria

## POR D. NUNO E PORTUGAL!

Grandiosa romagem da Religião e da Pátria.  
Cristãos e portugueses, à Fátima, terra de Santa Maria!

**“A alma da Pátria ajoelha na Cova da Iria e une-se e prende-se a Jesus pelas mãos de Maria”**

(Palavras de Sua Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> o Senhor D. António Augusto de Castro Meireles, venerando Bispo do Porto, no seu sermão na Fátima, no dia 13 de Fevereiro de 1928.)

**A Cruzada Nacional Nunálvares. — O Santo Condestável. — A romagem à Fátima, à Batalha e Aljubarrota. — O padrão comemorativo no campo da Batalha. — Os moços de Portugal perante a Igreja e a Pátria.**

Cristãos e portugueses! Em tôdas as contingências dolorosas da vida nacional, a excelsa Rainha do Céu velou sempre com o mais carinhoso disvelo pelo ressurgimento e salvação da nossa Pátria. Nun'Alvares, o Condestável herói e santo, foi o instrumento providencial que Deus suscitou para assegurar dum modo definitivo a independência da lusa terra. No planalto venerando de Fátima, santificado pela augusta presença e pelas graças e prodígios estupendos da celeste Padroeira e unido pela Fé e piedade de Portugal inteiro, vozes misteriosas do Alto convidam-nos a regressar à profissão integral e à prática fiel da Religião divina que inspirou os lances mais belos da história pátria, cingindo de louros a fronte dos nossos maiores. Nos campos abençoados de Aljubarrota, empapados no sangue puro e generoso de tantos guerreiros, à sombra do histórico santuário de S. Jorge, onde se travou uma das batalhas mais memoráveis do mundo, o condestável, com a sua voz máscula e dominadora de comando, levanta os brios nacionais e inflama as almas num são e vigoroso patriotismo.

A cruzada Nun'Alvares Pereira promove nos dias 12, 13 e 14 de Agosto uma grandiosa peregrinação nacional ao santuário máximo da Fé e ao santuário máximo do Patriotismo.

Depois da grandiosa procissão das velas no dia 12 e da missa campal no dia 13, — espectáculos tão comoventes, tão assombrosos, tão formidáveis que não será possível encontrá-los reproduzidos noutra parte, — depois das grandiosas e imponentes solenidades que se hão-de realizar no Mosteiro da Batalha no dia 14, haverá uma procissão aos campos de Aljubarrota, sendo aí lançada e benzida a primeira pedra do padrão comemorativo da grande batalha que a Cruzada se propõe mandar erigir.

Juventude da minha Pátria! Mocidade crente e patriótica, ardente e generosa, que fazes parte da geração sacrificada do resgate, apressa-te a cerrar fileiras em volta da bandeira da Pátria encimada pela Cruz de Cristo, para combateres o bom combate! Pela profissão duma Fé viva e pela prática duma piedade acrisolada com o amor de Deus, da Igreja e da vir-

tude a arder em viva chama ao lado do amor da Pátria no altar do teu coração, faze frente aos estrangeiros do interior, êsses autênticos malfeitores sociais, que, reclamando hipócritamente liberdade para tôdas as religiões, hostilizam e perseguem nas suas folhas sectárias, servindo-se da mentira e da calúnia, a Religião Católica que nos fez grandes no passado e que foi, é e será sempre uma fonte pe-

depor aos pés da Mãe de Deus, na santa capela das Aparições, o preito do nosso culto, da nossa gratidão, e do nosso amor e aos pés do Santo Condestável, no altar da Pátria, a homenagem da nossa veneração e do nosso reconhecimento e uma prece sentida e fervorosa por aquêles que nos insultam e perseguem e pelo engrandecimento e prosperidade do nosso querido Portugal!



UM ASPECTO DA MULTIDÃO, NO RECINTO DA FÁTIMA EM JULHO DESTE ANO

rene e inexgotável de virtudes de sacrifícios e de heroísmos. Desorientados em face da renovação cristã espantosa que desde 1917 se veiu operando em Portugal, graças a Nossa Senhora de Fátima, êles permitem-se atacar e oprimir as nossas crenças e pretendem submeter a vida social ao seu negativismo violento.

Como outros tantos Calles de via reduzida, inflamados no mesmo ódio sectário e no mesmo zelo fanático, o seu mais vivo desejo seria afogar em ondas de sangue a liberdade de consciência, transformando a lusa terra na Rússia do Ocidente ou no México da Europa.

Cristãos e portugueses! Em sinal de protesto contra tanta maldade e miséria moral, vamos todos nesses dias de triunfo, em romagem religiosa e patriótica,

**Numerosas peregrinações. — A procissão das velas. — A adoração nocturna. — O Senhor D. José, Bispo de Leiria. — A missa dos doentes. — O Senhor D. Teotónio, Patriarca das Índias. — O adeus à Virgem.**

Muitas e importantes peregrinações se realizaram êste mês. Entre elas merecem especial referência a de Setubal, composta de mais de quatrocentas pessoas e dirigida pelo Vigário Geral, rev.do Francisco Carlos Nunes, a do Porto, com cerca de duzentas pessoas, sob a direcção dos rev.dos Matos Soares e Abade de Bomfim, a do Paião, Figueira da Foz, trezentas pessoas, direcção do pároco, rev.do António Vieira, a do Olival, Vila Nova de Ourém, mil pessoas, a de Salir de Ma-

tos, mais de cem pessoas, a de Vila (Cadaçal) e a de Cintra. A maior parte das peregrinações chegaram à Cova da Iria na véspera à tarde. Nessa noite, realizou-se a procissão das velas que, com a aprovação do Senhor Bispo, seguiu um novo percurso, que lhe empresta mais brilho e a torna mais grandiosa e imponente.

Durante a adoração nocturna do Santíssimo Sacramento no altar-mor da Capela das missas, a primeira hora foi presidida pelo Senhor Bispo de Leiria, que rezou o terço com os fiéis, meditando os mistérios gloriosos do Rosário. Nos intervalos das dezenas, o venerando Prelado fez breves práticas sobre os respectivos mistérios, cheias de santos e salutares ensinamentos.

As outras horas de adoração foram feitas pelas diferentes peregrinações que se associaram para êsse fim. Resada a missa dos servitas manhã alta, começa o vaivém que enche a primeira parte de cada dia treze no local das aparições. Ao meio-dia solar, o Senhor Bispo de Leiria celebrou a missa dos doentes, aos quais deu em seguida a bênção com o Santíssimo Sacramento.

Depois da bênção subiu ao púlpito o grande Bispo missionário, D. Teotónio Vieira de Castro, venerando Patriarca das Índias, que prêgou sobre a devoção a Nossa Senhora e o cumprimentos dos deveres cristãos.

Por fim, a Imagem de Nossa Senhora do Rosário foi reconduzida processionalmente para a sua capela, terminando tudo com o saudoso adeus à Virgem, que constitui o fecho das cerimónias, officiais do dia treze.

O calor era verdadeiramente sufocante. Apesar disso a concorrência de fiéis foi grande, posto que inferior à do dia treze de Junho.

Houve cerca de seis mil comunhões. A boa ordem das peregrinações, e piedade dos fiéis, o zelo e dedicação dos servitas, a solicitude dos médicos, a resignação dos doentes, a atmosfera de paz sobrenatural que até ali se respirava, tudo era de molde a comover as fibras mais íntimas da alma, elevando-se a uma região serena e tranquila que bem pode ser chamada a antecâmara do Céu.

**A terceira aparição da Virgem. — As falsas aparições. — Fé e superstição — O anjo das trevas transfigurado em anjo de luz. — A doutrina da Santa Igreja. — Obediência à autoridade Episcopal.**

Faz hoje precisamente doze anos que a Virgem Santíssima se dignou aparecer pe-

la terceira vez aos humildes e inocentes pastorinhos de Fátima. A notícia das aparições tinha-se espalhado, ao longe e ao largo, por toda a vasta extensão da terra portuguesa, com a rapidez fulminante dum relâmpago. Próximo do meio-dia-solar, hora marcada para o contacto místico entre a terra e o Céu, alguns milhares de pessoas comprimiam-se em volta da azinheira sagrada, sobre cuja copa a Visão celeste pousava os seus pés virginais. A multidão, crente e piedosa, aguarda com ansiedade, rezando em recolhimento e silêncio, que se renovasse o colóquio misterioso de Lúcia com a Virgem e que mais uma vez se produzissem os fenómenos extraordinários que tinham acompanhado as duas aparições anteriores. Chegou o momento ardentemente suspirado e os videntes, que tinham acabado de recitar o terço do Rosário, ajoelhados no chão agreste e pedregoso da charneca árida e escaldada, volveram os olhos para o alto, embevecidos na contemplação do Ente sobrenatural que se dignava dirigir-lhes a palavra. Entretanto, as potências do Inferno aliadas com as do Mundo lançavam mão de todos os meios para desacreditar as aparições de Fátima, cobrindo-as de ridículo, e impedir a todo o custo as imponentes manifestações de Fé e piedade a que elas davam lugar. Um desses meios, aliás já utilizado sem êxito em Lourdes, foi o lançamento pelo país inteiro duma larga rede de fictícias visões e aparições celestiais. E desde então até hoje já mais cessaram as maquinações do espírito das trevas, procurando arrastar nas malhas dessa rede os nossos populares ignorantes e facilmente crédulos, servindo-se para a execução dos seus planos de auxílios ambiciosos, interesseiros e sem escrúpulos. Barral, Alcanhões, Póvoa de Santarém, Estremoz, Póvoa de Varzim, Estareja, Abelheria, Bitarães são malhas dessa rede que, mercê da má fé dalguns e da ignorância e espírito supersticioso de muitos outros, tem forçado a autoridade eclesiástica a adotar medidas severas mas justas e necessárias para pôr cõbro a explorações ignóbeis que redundavam em desprestígio e menosprezo da Religião, cobrindo-a de ridículo.

A Santa Igreja, que não precisa de novas aparições e de novos milagres para autenticar a sua origem divina, usa sempre da máxima prudência e circunspeção quando se trata de estabelecer a historicidade e a verdadeira índole dalgum facto representado sobrenatural, recorrendo para esse fim a processos absoluta e rigorosamente científicos.

Em assuntos de tanta monta e gravidade, é dever rigoroso e instantâneo de todos os fiéis, sejam eles quais forem e quaisquer que sejam as circunstâncias em que se verificarem os factos havidos por miraculosos, acatar com o maior respeito e a mais perfeita obediência as normas e determinações da autoridade eclesiástica, única competente para se pronunciar nesta matéria.

**Fátima em Espanha — Fátima em França. — Fátima na Itália. — Fátima na Alemanha. — Fátima nos Estados Unidos. — Fátima no Brasil.**

São profundamente consoladoras para nós católicos e portugueses as notícias que vem a cada passo, em cartas entusiásticas repassadas de Fé e piedade, de diferentes países daquém e d'além mar sobre a propaganda de Fátima. Um apostolado intenso e constante dos acontecimentos maravilhosos da Lourdes portuguesa é exercido com um amor e uma dedicação admiráveis por uma numerosa e brilhante pléiade de almas devotíssimas da Santíssima Virgem. E cada vez aumenta mais o número de sacerdotes e leigos estrangeiros que, abrasados no mesmo fogo sagrado, propagam o culto de Nossa Senhora de Fátima pelo jornal, pela revista, pelo livro, pelo folheto, pela gravura e pela palavra. Na Espanha católica e cavalheiresca, tão zelosa da glória da Rainha do Céu, as revistas *Sal terrae* e *Los Santuarios católicos* não cessam de proclamar nas suas páginas, em longos e esplêndidos artigos, as grandes maravilhas da Virgem em terras de Portugal. Na França cristianíssima de S. Luís e Joana d'Arc, outrora chamada *regnum Mariae* e há oitenta anos favorecida com o maior centro de peregrinações Marianas mundiais, a magnífica *Revue du Rosaire* e o interessante *Bulletin du Rosaire* lá continuam à frente deste formidável movimento de propaganda, e levando ao seu meio milhão de leitores espalhado por toda a superfície da terra o conhecimento dos sucessos assombrosos da Cova da

Iria e vendo por esse motivo crescer espantosamente a sua tiragem, que chega a atingir a cifra considerável dum milhão de exemplares no curto espaço de pouco mais de dois meses.

Na Itália de Pio XI e de Mussolini, onde a augusta Mãe de Deus é venerada sob tantas e tão célebres invocações — *Madonna del Loreto, Madonna di Pompeia, Vergine di Gennazzano, Adoloreta di Bergamo, Bianca Regina del Lazio* — é o próprio *Osservatore Romano*, órgão officioso da Santa Sé que em primorosos artigos exalta as grandezas da Imaculada Padroeira de Portugal, descrevendo com largo desenvolvimento as grandes peregrinações nacionais de Maio e Outubro. Na Alemanha o dr. Luís Fisher, lente da Universidade de Bamberg, que veio expressamente a Portugal para assistir à magnífica apoteose da Virgem no dia treze de Maio último, iniciou no importante jornal *Die Schildwache*, de Basel a publicação duma série de artigos subordinados à epígrafe *Fátima, a Lourdes portuguesa*, e está preparando um livro de propaganda profusamente ilustrado para tornar as maravilhas de Fátima mais conhecidas na sua pátria.

Nos Estados Unidos da América do

Norte, sobretudo entre a numerosa colónia portuguesa, está muito espalhada a devoção a Nossa Senhora de Fátima, e sacerdotes e leigos, que há dezenas de anos não vinham a Portugal, transpõem o Oceano para visitar a terra santificada pela presença e pelas bênçãos da Rainha dos Anjos.

No Brasil, a querida nação irmã, brasileiros e portugueses dão-se as mãos para atear em terras de Santa Cruz um vasto incêndio de amor à gloriosa Visão dos humildes pastorinhos da Serra de Aire, tendo, entre outros jornais e revistas, o *Mensageiro do Rosário*, de Uberaba, Estado de Minas Gerais, descrito com todos os pormenores os factos extraordinários ocorridos em Fátima e reproduzido alguns artigos da *Voz da Fátima* que, pelo Brasil imenso, despertaram o mais vivo interesse e produziram um bem muito grande. Do Norte ao Sul da nobre nação irmã ergue-se um cõro de hossanas e louvores à Virgem bendita que no centro geográfico da nação fidelíssima se dignou colocar o seu trono de amor e misericórdia, fonte perene e inexgotável de graças e bênçãos preciosíssimas para o mundo inteiro.

Visconde de Montelo

## PEREGRINAÇÃO AO SANTUÁRIO DA FÁTIMA

### FESTA DA PÁTRIA

12, 13 e 14 de Agosto - 1929

Meus caros diocesanos:

O amor à Santíssima Virgem está em tôdas as páginas da história de Portugal unido ao amor da Pátria.

E Nun'Alvares, a suprema glória da nossa raça, aquele a quem devemos a independência e a quem a Santa Igreja eleva às honras dos altares sob o nome de Nuno de Santa Maria que elle mesmo escolheu quando abandonou honras e riquezas para se entregar todo a Deus no convento do Carmo, é o modelo do amor à Virgem, Senhora Nossa, e à Pátria.

Pertenceu-lhe Ourém e é na Fátima, frêguesia do seu Condado, que Maria Santíssima tem espalhado as maiores graças e bênçãos sobre as almas, atraindo ao seu novo santuário milhões de peregrinos.

A Cruzada Nacional Nun'Alvares Pereira, com séde em Lisboa, numa alta compreensão de patriotismo, resolveu, a exemplo do ano passado, vir em peregrinação a Ourém, Fátima e Batalha, celebrar a festa da Pátria.

Associando-me a tão benemérita iniciativa, convido os meus queridos Diocesanos a acompanhar os nossos ilustres Hóspedes.

O programa, nas suas linhas gerais é o seguinte:

Ourém — Dia 12 — Visita ao Cas-

telo — Alocução pelo Snr. Tenente Gomes dos Santos.

— As 17 horas (3,30 h. solares), *Te Deum* na Sé de Ourém, presidindo e pronunciando uma alocução o Prelado de Leiria;

— Visita ao Cruzeiro do Regato, discursando o Senhor Doutor Costa Lobo, Lente da Universidade de Coimbra.

Fátima — Dia 12. As 22 horas precissão das velas.

Dia 13 — À meia noite, adoração do Santíssimo, seguindo-se as cerimónias mensais das peregrinações.

Batalha — Dia 14 — As 9 horas — Missa em honra do B. Nuno e alocução pelo Prelado de Leiria.

Visita ao túmulo do Soldado desconhecido.

— Alocução pelo Sr Dr. Ferreira Deusdado, de Lisboa.

— Visita à Capela de S. Jorge discursando o snr. Tenente coronel Costa Veiga.

Espero do zelo e patriotismo do rev. clero e fieis a colaboração entusiastica nesta comemoração tão solene para honra da nossa terra.

Esta circular será lida e explicada pelos Rev. Parocos e Capelaes á Santa Missa para conhecimento de todos.

Leiria 26 de julho de 1929.

(a) † JOSÉ, Bispo de Leiria

## AS CURAS DE FATIMA

**Paralisia completa do braço e perna esquerdos; 6 anos de inação forçada.**

E' pela segunda vez que venho, neste jornalsinho, escrever umas linhas, ditadas pelo prazer imenso dum crente sincero, que Deus quiz haver contribuído para o conseguimento da grande cura, verdadeiro milagre, que vou relatar, na pessoa da minha cliente Emilia de Jesus Marques, da Vila de Louzada.

Da primeira vêz referi a cura assom-

brosa que, em 13 de Outubro, N. S.ª de Fátima concedeu a D. Maria Margarida Teixeira Lopes; a sua narrativa veio feita, salvo o erro, na *Voz da Fátima*, de 13 de Fevereiro do ano corrente, e deixou no meu espírito gravada, bem funda, a convicção de que os casos clínicos, para cujo alívio ou favorável tratamento o médico exgota, inutilmente, o mais persistente esforço, não devem ainda arrumar-se para completo abandono.

O meu coração sensibilizou-se tanto e tanto mais perante a impressão de esp-

rança e fé que, na doente de que venho hoje tratar, despertou a cura de D. Margarida, quanto é certo que, para ela, era um quasi impossivel a realização daquilo que supunha ser um sonho: *ir a Fátima!*

Assim tocados o meu espirito e o meu coração, neles ficou desde logo determinado que à pobre doente se reservaria um lugar no meu carro, no caso, quasi certo, de a Fátima voltar minha família na primeira peregrinação de Maio; não a fiz sabedora deste propósito senão à última hora, aí por 6 dêsse mês, não fosse aparecer qualquer inesperado contratempo que impedisse a viagem; alimentei-lhe, porém, sempre a ideia da possibilidade de realização do sonho que tanto acarinhava: bastava que a mesma N. S. de Fátima assim o permitisse.

### Dois traços da história da doente

Há cêrca de 17 anos, tendo 15 de idade, começou esta doente a sofrer de perturbações gástricas tão importantes e graves que seu falecido pai se viu forçado a recorrer à medicina especializada depois de, sem proveito, haver buscado, por vários médicos, o desejado alívio aos sofrimentos de sua filha.



D. EMÍLIA DE JESUS MARQUES

Tendo sido consideravelmente nutrida e saudável, definhava de dia para dia, zombando a doença de todos os tratamentos; a medicina especializada em doenças de estômago, guiada pela mão abalizada do Ex.mo Dr. Pinto Leite, coisa alguma conseguiu: os regimens exclusivos e consecutivos de leite, peixe, farinhas, nada aproveitaram, sorrindo escarninhamente a balança aos melhores propósitos e bons desejos tanto do médico como da doente.

Foi em tais condições que comecei a prestar os meus cuidados clínicos à doente que circunstâncias económicas obrigavam a pôr de parte os tratamentos distantes e mais dispendiosos, portanto, da medicina especializada; são 15 anos de trabalho diário que conto no activo do meu melhor esforço de bem fazer.

Neste lapso de tempo, bem curto para quem tem saúde, mas parecendo interminável para quem verdadeiramente sofre e para quem, por sentimento e por brio profissional, se vê quasi impotente para debelar teimosos sofrimentos, promovi que a doente se apartasse da família, fazendo uma temporada em Caldelas e outra na Foz do Douro. Tudo inútil, absolutamente inútil.

A esse tempo, claro é, ainda a doença, apesar de tudo, era nada, pode dizer-se: havia movimentos, a doente não tinha paralisias.

As perturbações gastro-intestinais constituíam as tintas mais vivas do quadro, mas desenhavam-se já, de certa forma, os estigmas de um fundo nevrópatico; a sua clareza impunha-se mesmo, e assim é que o então clínico de Caldelas, a quem por carta preveni da localização principal de determinadas algias, teve ocasião de verificar, com alguma surpresa; era possível, era natural que este isolamento do meio familiar, que a mudança de ares, que o uso de douches, etc., utilisassem, exactamente pela indicada razão, mais que suspeita, da natureza nervosa dos padecimentos.

Foi tudo em vão como, da mesma maneira, o foi a estada na foz do Douro.

Que fazer?

Tudo quanto ao meu alcance pude: alimentação forçada sob o sono hipnótico; injeções tónicas de toda a ordem; sugestão em estado de vigília; aplicações eléctricas em choques, em banhos; massagens manuais e mecânicas...

Resultado? Um pouco mais de peso, um pouco mais de forças, mas... pondo de parte suavemente estes meios, que não podiam ser definitivos, o retrocesso era sempre certo!

O mal mantém-se, o mal progride e a marcha começa a tornar-se difícil por causa da perna esquerda que *incha, que se esquece*.

Chega-se à permanência quasi completa no leito; há edemas e mortificações de tecidos, no braço esquerdo, pesado, violáceo, frio de mármore; passam meses e o braço, por favor de banhos quentes, massagens manuais e eléctricas, volta a mexer-se e a doente, já definitivamente condenada ao leito, intertem-se, ao menos, mata as horas intermináveis da sua vida, trabalhando em malha.

Come, desde há muito tempo já, apenas uma vez por dia, e pouco, muito pouco, com a minha assistência e alguma imposição, mas sempre graças ao auxilio de uma injeção prévia que lhe esbate, que lhe diminua um tanto as dores fulgurantes provocadas pela chegada ao estômago da mínima parcela do alimento mais inocente.

Decorre o tempo sem mutação sensível da tela, até que me cabe a vez de ficar de cama por espaço de 15 dias; durante esse tempo, applicadas as injeções diárias por uma pessoa amiga, foi, todavia, a alimentação mais precária, mais diminuta: fui encontrar a doente consideravelmente mais abatida e com o seu braço esquerdo em completa retraction espasmódica e sendo inúteis todas as tentativas de distensão, pelas dores provocadas e pela resistência muscular; nem banhos, nem massagens, nem sugestões, nem coisa alguma produziu benéficos efeitos.

Estava na ordem do dia a ideia de «Pansifilis» hereditária ou adquirida, como a grande causadora de todos os males.

Sem resultado apreciável o uso de injeções mercuriais, apliquei os novos preparados de bismuto que, numa 1.ª série, lograram despertar algumas esperanças, produzindo-se a flacidez do braço e uns leves movimentos dos dedos polegar e indicador; foi tudo.

A instâncias da doente, foram repetidas várias séries do mesmo preparado (Tréposan), que mais nada deram de bom e definitivo: os dois membros esquerdos continuaram, anos seguidos, em estado de inutilidade, paralíticos, impotentes, até ao dia 13 de Maio próximo passado.

Anunciada à doente a boa nova da sua ida a Fátima, se as suas forças o permitissem, do que eu muito duvidava, foi com alvoroço e confiança máxima que me declarou não haver coisa alguma que a demovesse, nem a possível morte durante a viagem: eu, que lhe proporcionava o ensejo de ver realizado o seu grande sonho, havia, estava certa, de ter a caridade de não deixar o seu cadáver abandonado na valeta da estrada; fá-lo-hia transportar para junto de sua família.

Foi, pois, mesmo na hipótese de efectivar-se um grande desgosto, que eu, de bom grado, parti com minha família e com a doente para a Cova da Iria.

Pela madrugada do dia 12 de Maio, estávamos em marcha, interrompida junto do templo de S.ta Cruz de Coimbra, por volta das 9 horas, para assistirmos ao S.to Sacrificio da Missa, o que não tentaram fazer a doente e minha mulher que, ambas, permaneceram no carro, tal era o péssimo estado de saúde de uma e de outra.

Até aqui, e porque era magnífico o estado das estradas, veio a doente amparada por uma sua irmã, com grande sofrimento mas sem perturbação de maior.

A poucos quilómetros de Coimbra, e ro-

dando já sobre a esburacada estrada de Condeixa, perdeu a doente os sentidos caindo em síncope; procurei despertá-la o que não consegui; dei-lhe em socorro do pulso filiforme, quasi imperceptível, uma injeção de caféina; seguimos cautelosamente, de vagar, até às portas de Leiria onde, finalmente, voltou a doente a recuperar os sentidos.

Sem alimentação alguma desde a tarde do dia 10, pois havia sido deposta totalmente a refeição do dia 11, seguimos, já agora, esperançados de chegarmos a Fátima com a nossa doente em condições de a N. Senhora pedir o restabelecimento dos seus movimentos há tanto tempo perdidos, e as melhoras de seus velhos sofrimentos.

Chegamos, enfim, pelas 4 e meia horas da tarde, dirigindo-me sem mais delongas a procurar dois leitos no hospital, que me haviam sido prometidos por S. Ex.ª Rv.ma o Snr. Bispo de Leiria, onde pudessem repousar e pernoitar esta e outro doente (meu irmão P.e Hermano Amândio) que eu também acompanhava dos meus cuidados; feito isto, o que não foi sem algumas dificuldades, resultantes da infinidade de pessoas a atender, fizeram os beneméritos maqueiros o transporte de ambos os doentes. O espanto dos circunstantes era tão grande, ao verem o aspecto da doente, que aos meus ouvidos chegou, por vezes, bem nítida a censura contra os médicos ou contra quem consentia que doentes assim, no estado já de cadáveres, saíssem de suas casas!

Aquela noite de 12 para 13 foi verdadeiramente tormentosa para a doente cujo estado de fraqueza, sem alimentação de qualidade alguma, mal podia consentir aquele bulício constante mas inevitável, sem dúvida, nas circunstâncias emergentes.

Pela manhã do dia 13 recebeu a doente a sagrada comunhão, outro tanto fazendo todas as pessoas que por ela se interessavam; seguidamente foi levada na maca, outra vez, do hospital para o recinto dos milagres, onde ficou deitada numa enxerga, na unção máxima de fervoroso crente, aquela meia duzia de horas seguidas.

O que se passou depois não o pude saber directa e pessoalmente porque os meus cuidados estavam repartidos pelo meu outro doente; deixei-a entregue a sua irmã, depois de bem ter prevenido para o fim dos officios divinos os novos serviços dos dedicados servitas maqueiros. Em dada ocasião, não sei quando, mas ao dirigir-me para o local onde estava meu irmão, ao fundo do recinto, vi de relance, mas quasi não crendo, que a doente resava de joelhos e mãos erguidas!

Realmente, não foram precisos os maqueiros para o transporte ao automóvel, onde minha mulher já estava para preparar o lugar e receber a doente; é esta quem o conta: «ao entrar N. S. no recinto reservado senti logo, logo em si a convicção de que ia andar! Tentou ajoelhar e pôde fazê-lo; ergueu as mãos ambas apertadas ao seu tórax que resava e resou com mais fervor, se é possível!

Levantou-se e teve muita vontade, muita, de cantar com todos, e cantou! Entendeu dispensar a maca e procurou andar seguindo por seu pé, junto dos maqueiros, para o hospital; levaram-na ao posto de verificações! É um encanto de franca devoção assistir a um facto destes: um milagre autêntico, evidente faz estremecer os corações; faz verter lágrimas, copiosas de alegria; determina semblantes risonhos animados duma vida extranha comunicativa! E o milagre tinha-se dado, palpável sem a menor dúvida para quem conhecia esta paralítica há boa meia dúzia de anos; para quem a viu entrar na Cova da Iria mais cadáver do que ser vivo; para mim que, durante tanto e tanto tempo, envidei todos os esforços para a arrancar do leito; para ela, sobretudo para ela que, não duvidando de toda a minha boa-vontade, era forçada a reconhecer que muitas vezes há de ser precisa a intervenção divina para aliviar-nos e livrar-nos de sofrimentos!

No posto de verificações entrei mais tarde, quando me solicitaram a minha presença na qualidade de médico assistente; desejavam os meus numerosos colegas, ali reunidos, ouvir de mim a história resumida, mas clara, verdadeira do caso. Conteí, mais ou menos, o que já relatei a *Vós da Fátima* de 13 de Junho. Disse a verdade que hoje repito.

Este caso de cura e o caso de D. Margarida Teixeira Lopes, produzido em 13 de Outubro de 1928, são dois milagres verdadeiramente assombrosos.

28 anos de clínica, exercida com devoção e carinho, não permitem dúvidas em

casos desta ordem: os meios científicos manifestaram-se de incapacidade absoluta; havemos de crer que outro «valor mais alto» e só ele poderá, em casos taes, demonstrar à evidência a sua força.

Que estas duas miraculadas eram dois exemplares de nevrópata, de grande histeria mesmo, pôde dizer-se e dir-se-há uma grande verdade; podem dizer-se muitas babuseiras caídas dos lábios leigos de muita gente e até de médicos; sei isso, acredito que se dizem. Mas que valor têm essas babuseiras venham elas donde vierem? Têm o valor da inconsciência na maior parte dos casos, ou tem o valor demonstrativo de uma falta de observação clínica minuciosa, cuidada como deveria ser.

Que estas curas são efeitos de sugestão ao alcance de qualquer médico ou, pelo menos de especialistas, ouve-se dizer!

Onde estará o médico, o especialista que, por tal força de sugestão, faria desaparecer, terminar a série de mais de 500 abcéssos subcutaneos que, por espaço de 8 anos atormentaram a D. Margarida Teixeira Lopes? Onde quem, depois de 6 anos de paralisia completa, faria andar mais de meio kilometro, imediatamente, uma entrêvada como aquela de que venho tratando?

Por acaso, sei perfeitamente até onde pode ir o nosso poder sugestivo de médico; empreguei muitas vezes a sugestão com algum proveito, mas sempre pequeno, muito pequeno e vi, por meus olhos também, até onde pôde ir esse poder de sugestão especializado; vai perto, muito perto.

Houve sugestão? Talvez, mas que importa? Sugestão de quem? De quem pôde mais do que nós: sugestão sobrenatural —sugestão altíssima!

Bem dita sugestão e que ela nos apareça sempre e quando os nossos recursos, os nossos esforços resultem inúteis à cura de tão queridos e lastimáveis doentes!

Bem dita sugestão a cujos resultados, como os destes dois casos a que me reporto, chamarei sempre milagres; bem dita sugestão!

A miraculada de Maio, Emília de Jesus Marques, nunca mais, depois do regresso de Fátima administrei refeição alguma; tem ainda sofrido bastante, é certo, do seu estômago, mas elle vai tolerando alguns alimentos que a própria família lhe faculte e ela toma por suas mãos e sempre na viva esperança de que as melhoras irão seguindo até ao conseguimento das forças precisas.

Estas linhas escrevo-as da estância da Torre, em Entre-os-Rios, onde me encontro a repousar uns dias, na convicção de que, ao voltar a Louzada, irei encontrar a miraculada muito minorada dos seus incómodos e sempre, fortalecida pela sua grande fé, na esperança de cura completa de todos os seus males.

A fotografia que acompanha este relato, foi tirada dois ou três dias depois da vinda de Fátima, no quintal da casa de sua mãe, onde a doente desceu por seu pé, propositadamente para esse fim; conserva ainda hoje todos os movimentos que Nossa Senhora lhe permitiu em Fátima.

Joaquim Hermano Mendes de Carvalho

Hérnia.

Teotónio Pereira Damazio, de 60 anos, morador junto à estação de Monte Real



TEOTÓNIO PEREIRA DAMÁSIO

(linha de Oeste) na freguesia do Souto da Carpalhosa, sofria desde criança de uma hérnia, que nos últimos tempos o reduziu a um estado tão afflictivo, agravando-se cada vez mais, que era inevitável uma operação.

Neste estado, elle que é piedoso, frequente os Sacramentos e vive numa freguesia onde há mais de 50.000 comunhões por ano, lembrou-se de recorrer à intervenção de Nossa Senhora de Fátima, prometendo ir a Fátima cinco vezes se melhorasse.

Demorando-se as melhoras, começou as cinco peregrinações e, com grande espanto seu, verificou que depois da segunda a hérnia tinha desaparecido, deixando apenas uns ligeiros vestígios que nada o prejudicam. Já lá vão 18 meses e a cura permanece, deixando-o livre para os seus trabalhos de carpintaria, talha, pintura e dourador em várias igrejas destas regiões.

Voz da Fátima

Despêsa

Transporte.....	163.680\$10
Papel, composição e impressão do n.º 82 (62.200 exemplares).....	3.370\$00
Franquias, embalagens, transportes, gravuras, cintas e outras despesas.....	1 319\$10
	168.369\$20

Subscrição

(Abril de 1928)

Enviaram dez escudos para terem direito a receber o jornal pelo correio: Pura Rodrigues Ramos, Guilherme Henriques, Gracinda Lopes, José Agostinho Fernandes, Ana Maria Clarin de Ornelos e Vasconcelos, Sofia Regalão, P.º José Henriques de Almeida, Cecília Correia Costa, Maria Amélia Ferreira (15\$00), Francisco Fernandes Pombo, Manuel Francisco Malheiros (15\$00), Barbara Martins Teixeira, P.º Roberto Maciel, Maria Isabel Fernandes, Maria do Espírito Santo Corrêa, Américo Augusto Pereira da Fonseca, Margarida Rosa Pereira, Agostinha Gonçalves, Maria Gertrudes da Silva, Maria do Carmo Pereira de Lacerda de Penalva (20\$00), Julieta Souza, Maria da Conceição Coelho. Maria C. Nova (50\$00), Guilherme Rosa da Silva, Francisco Manuel de Medeiros Correia, Alberto Santos Nogueira. Ana da Conceição Azevedo, António Barroca Delgado (20\$00), Maria Amélia Vieira de Carvalho (20\$00), Eliza de Lourdes Mesquita, Luciano Cordeiro Gonçalves, Ermelinda Faria da Cruz, Manuel Fernandes da Silva Lage, Maria Leonor de Freitas, Maria Augusta de Oliveira, Ana de Jesus, Maria de Alarcão, Maria de Lourdes da Cunha Bernardino, Alfredo Miguéis, Luiza Angélica Gomes de Freitas, Joaquim Duarte de Oliveira (50\$00), Ema Luff Sampaio, Luiz Cipriano Esteves, Maria do Carmo Gonçalves da Silva, Maria Barbosa de S. P. Vinagre Preto, P.º António Henriques Pereira (20\$00), Maria José Ferreira Paulino (20\$00), Francisco Fernandes Bexiga, Angelina Dias do Espírito Santo (20\$00), Adelaide Ribos da Costa, P.º Joaquim António Vieira, Agostinho Ribeiro, Aurora Antunes (12\$50), Maria da Conceição Fonseca (15\$00), Margarida de Sousa (12\$50), Eduardo de Moura Borges, Victorino Luís Filipe (15\$00), Emília das Dóres Delgado Tórrès, Manuel Coelho de B. Borges, Maria José Moniz, Maria Eugénia Ferreira Veríssimo (30\$00), Maria José Bagulho Fernandes, Catarina Bagulho de Sant' Ana Marques, Maria Joana Bagulho Correia, Maria da Conceição de Arouca Assis, P.º Horácio Ribeiro de Castro, Maria Genoveva Drumond, Amália da Luz, Dr. António Cagal, Julia Pais Falcão, Hermínia Ferreira Marques, José dos Santos Ferreira, Manuel Gabriel, Maria da Encarnação Almeida, Maria da Conceição Arruda, Dr. Francisco Gomes de Ornelas, Mariana Guiomar, P.º José Botelho Amaral, Izabel Souza Aguiar, Alexandre Bernardo Simão, P.º José Viveiros Cabeceiras, Joaquina Maia Medeiros, Manuel Pedro da Câmara, P.º Fernando Augusto da Silveira, Maria Emília Firmo, Celestina dos Santos Reinas (20\$00), Maria Izabel Monteiro Reinas (50\$00), Ana da Fonseca Alves, António Monteiro Balcão (15\$00), António Baptista.

Donativos vários e na de-tribuição de jornais: P.º Francisco Pereira S. J., 89\$30; P.º Daniel Correia Rama, 50\$00; Joaquim da Silva Carvalho, 86\$80; Leopoldina Curado, 25\$00; Manuel Fernandes Soares, 50\$00; Leopoldina da Silva, 50\$00; Alice Rodrigues Leão da Silva, 105\$00; P.º Carlos Jorge de Faria e Castro, 130\$00; Joaquina Rosa Ramalho, 15\$00; Família Leal (Paço d'Arcos), 56\$60; Amélia Lopes de Mendonça (Coruche e Salvaterra) 150\$00;

Maria Judith Rabaça Gaspar, 93\$00; P.º João Xavier Madenga, 120\$00; Clotilde de Almeida, 50\$50; P.º António Francisco de Freitas, 60\$00; P.º António Delgado, 200\$00; Igreja da Misericórdia da Póvoa de Varzim, 97\$00; Adelor José da Silva, 100\$00; P.º José Rodrigues dos Santos Lima e Silva, 250\$00; doentes do Sanatório de Semidi, 68\$00; Eugénio Howell Mendonça, 50\$00; João Graralho Mergulhão, 30\$00; Augusto Baptista Rodrigues, 40\$00; António Pereira Sardinha, 25\$00; Mario Cabral, 20\$00; José Joaquim de Oliveira, 15\$00; Luís Maria Fernandes Frechot, 50\$00;

Artur Nunes, 20\$00; Igreja de S. Sebastião da Pedreira, 61\$00; Maria das Dôres Tavares de Souza, 50\$00; Maria M. dos Remédios, 100\$00; P.º Manuel Vieira 90\$00; António J. Fernandes, 45\$35; P.º Alfredo Correia Lima, 50\$00; José Ferreira da Costa Pinto, 17\$50; Idalina D. de Oliveira e Maia 108\$00.

Na Igreja do Sagrado Coração de Jesus, pela Ex.ª Sr.ª D. Maria Matilde da Cunha Xavier, no mês de Junho de 1929, 46\$00; idem idem no mês de Junho de 1929, 27\$50; na Igreja de S. Mamede, pela Ex.ª Sr.ª D. Noemia Rolo, no mês de Junho último 10\$00.

## UM CASAMENTO CRISTÃO

Tive já ha tempo conhecimento duma carta íntima que me encantou.

É duma rapariga recentemente casada, a contar a uma amiga a festa do noivado.

E porque de toda ela, num à vontade surpreendente de quem escreve uma carta íntima, se apreende um profundo sentimento cristão a perfuma-la como perfumara a festa não resistimos à tentação de a publicar, mudando os nomes.

Talvez sirva de Modelo e luz a muitas das nossas leitoras:

«Querida Inês

Recebi já ha muitos dias a tua linda carta de parabens pelo meu casamento. Sabes que chorei ao lê-la?

Se me perguntas porquê não to sei dizer bem.

Pois os teus parabéns eram tão ardentes, tão sinceros, tão do fundo do coração!...

Mas que queres? A-pesar disso, porisso mesmo é que eu chorei. Chorei de pena de te ter tão longe; chorei de alegria pela nossa amizade que nada pode quebrar: Nem a distância nem o rumo diverso por que cada uma segue na vida.

Muito obrigada em meu nome e no de Meu Marido que te não conhece mas te estima por saber da Nossa grande amizade. Compreendes que a gente agora poz tudo de meias: bens, relações amizades conhecimentos — tudo.

Has-de desculpar-me aquêlê frio cartão de participação de casamento. O tempo não dava para mais.

Hoje, sobretudo apôz a recepção da tua cartinha sinto necessidade de desabafar contigo a contar-te muitas coisas íntimas que has-de gostar de conhecer.

Mas, como nós — as mulheres — não somos lá muito fortes em questão de ordem e método sobretudo a falar ou escrever vou-me esforçar por começar do principio até agora.

Faço de conta que é uma longa conversa contigo.

Eu não te dispense de dentro em breve vires passar alguns dias connôco.

Conversaremos então longamente.

Há aqui na propriedade em que vivemos um sitio lindo que convida a isso.

Has-de ver. É um pedaço do Minho. É uma grande toicha de castanheiros viçosos e altos, tão densos que num pequeno largo formado por eles não penetra restea de sol.

Levantaram ali uma mész rusticã. Assentaram-lhe em volta uns bancos toscos que as cefas de castanheiros velhos substituem aos poucos. Em poucos cantitos de terra aqui e além vicejam e florescem já plantas de jardim em que a vista se descança e deleita.

E' ali que eu passo longos bocados a trabalhar de mãos se o sono me não vem docemente tomar encostada a algum tronco ou o marido me não vem entreter com suas loucuras de enamorado.

Das raízes dos castanheiros a pouca fundura rebenta uma nascente de água cristalina que depois de dar vida a um bando de Miosótis, os abandona precipitando-se logo ali na corrente em doce murmúrio.

Ao fundo a Nossa casa, que também é tua.

Em volta uma moldura de verdura:

Ao longe, na encosta, vinhas e arvoredos; mais perto pinhal farto, soute de castanheiras; do outro lado pendidos sobre a ribeira a reverem-se nas águas e a chorarem nelas galas de outros tempos, longa fila de carvalhos gigantescos que o oimo da tórre, visto cá de baixo, mal sobrefuja.

Junta-lhe os milharais verde escuros e a emergir do meio dêles uma ilha de salgueiros e almeiros.

Tens aqui em quadro mal delineado o ambiente que te espera todo perfumado, erê, da muita amizade da tua Clementina. Quando vens?

Ah! mas afinal ainda não comecei. Bem dizia eu.

Não te zangues! Tem paciência! Faze de conta que me estás a aturar num daqueles dias — raros graças a Deus — em que longamente ia despejando no teu coração amigo a amargura de que o meu estava cheio.

Outros chamariam criancice a isto que tu, minha íntima, sabes faz o meu deleite.

Vou-te descrever a festa do meu noivado.

Mas tenho de resumir, se não, assim, nunca mais acabo.

Foi um dia de grandes comoções e de grande felicidade. Tenho tanto que agradecer a Deus!

O casamento foi cedo. Eram umas nove horas quando em casa de meus pais na sala que tu já conheces, se procedeu ao registo civil.

Assisti ao acto com um traje vulgar de passeio.

Levava aquêlê vestido simples, côr de grão, e fui em cabelo.

Quizemos intencionalmente dar ao acto a menor importância possível.

Se o empregado veio a casa foi apenas para não termos de juntar o acto civil com a celebração do matrimónio, o que me magoaria.

Temos de frizar bem esta distinção para que sobretudo as pessoas do povo se encham de muito amor e respeito para com o sacramento.

Deu-me vontade de rir quando o empregado — a fingir de padre — começou a dar-nos conselhos sobre a vida matrimonial.

Coitados! — Depois fui-me vestir de noiva.

Dizem que ia linda.

Não sei. Sei, porém, que aquêlê vestido branco de neve, aquêlê véu tão vaporoso a cobrir-me, o ramito e a corôa de flôr de laranjeira me ficavam bem.

Vesti-os com a consciência e a certeza de, por graça de Deus, me pertencerem.

Nosso Senhor me perdõe se isto é orgulho mas eu creio que não, pois bem sei que, sem a graça de Deus, seria capaz de tudo.

Mas ajudados por Ele nós fizemos que Ele presidisse sempre a tôdas as nossas entrevistas e posso dizer-te com a mão na consciência e com a alma a trasbordar de alegria — (Deus bem sabe que falo verdade) — que não houve nunca uma palavra, um gesto, um olhar que Ele não pudesse aprovar.

Ah! Como aquêlê vestido branco, immaculado, sabe bem assim!

Como tôdas as raparigas vigiariam muito mais se imaginassem sequer a ineffável consolação daquele dia para uma alma pura.

Bemdito seja Deus que assim me quiz premiar!

(E' claro, minha querida, que isto é dito só para ti; quem me não conhecesse rir-se-hia de mim).

Presidii ao acto o meu irmão. Tinha-me prometido de brincadeira já há muito e quis cumprir a sério o que prometera.

Estava nervosa. Disse um «sim» quasi imperceptível, que êle exigiu repetido um pouco mais alto.

Minha mãe chorava como chorara já ao despedir-me de casa dela para a do meu marido.

Não sei que teem as almas das mész. Parece que teem uma raíz na de cada filho e talvez seja por isso que pouco duram se a Providência lhos leva todos.

Como uma raíz lhe levar uma grande machadada chorava assim.

Que eu também chorava.

Houve a seguir Missa a que recebi a bênção nupcial. Comungámos os dois e vários membros da minha família.

Gostei tanto de o ver ali a meu lado a alimentar-se do Corpo do Senhor!

Antes da bênção meu irmão fez uma pequena alocação mas vibrante, muito sentida.

Aquela, sim, era a voz do alto.

Apesar-de ser meu irmão a figura dêle, muito direito, acima de nós, envolto nas vestes sacerdotais, tinha algo de fascinador.

E quando na sua voz grave mas bem timbrada nos foi recordando os deveres do novo estado, as suas palavras iam-nos até ao fundo da alma como se o próprio Deus nos falasse.

E era Ele, na verdade, a falar-nos pela boca dum seu ministro, que era também meu irmão.

Aquelas palavras tão simples tão sóbrias, mas tão sentidas, comoveram-nos a todos e eu chorei de saudade a valer enquanto até os olhos dos homens deixavam escapar algumas lágrimas brêgeiras.

Quando à safda fámos a assinar no livro dos assentos perguntou-me que era que tinha, se não estava contente e, enquanto, em resposta que não esperava, meu marido lhe dizia «Pois o senhor faz-nos chorar» êle, de olhos ainda húmidos, dava-me um abraço de parabéns e um beijo na testa, em geito de muito afecto.

O almoço, um almoço em família, decorreu muito bem muito animado.

A noitinha, antes do jantar, meu irmão acompanhado de todos os comensais procedeu à bênção da casa e do tálamo.

Foi uma cerimónia muito simples que êle em duas palavras explicou aos assistentes.

Em seguida meu marido fez a Entronização do Coração de Jesus.

Fiquei radiante em ver o Mestre a reinar na nossa casa, no novo lar.

A imagemzinha do Coração de Jesus ficou ali desde o dia do meu noivado a tomar conta de nós.

Não achas lindo?

Por mim digo-te que não mais me esquecerá.

O jantar deitou para tarde mas olha que não houve dança.

Seria a meu ver uma nota destoante na nossa festa.

E todos sentiam assim.

Quando todos se foram apoderou-se de mim uma nostalgia forte.

Era o corte da minha vida de solteira, de filha de família para começar a ser uma dona de casa.

Mas quando meu marido me perguntou se ficara contente com a festa pude dizer-lhe com toda a franquesa:

«Correu tudo na melhor ordem e da maneira que eu reputo ideal, pois vi bem que Nosso Senhor Jesus Cristo se podia sentar à nossa mesa, como se sentou outrora à das bodas de Caná. E isto consola...»

Não achas que foi um casamento cristão?

Diante da imagem do Coração de Jesus fazemos diariamente as nossas orações em comum.

E a vida vai correndo tão bem que me dá a ilusão duma perpétua lua de mel.

Ah! já me esquecia de te dizer que a passei aqui ou melhor a estou passando ainda, pois não sei calcular quando acabará.

E foi porisso que tanto demorei em te escrever.

Mas pago-te hoje com esta interminável carta.

Hás de ter gôsto em a ler, porque sei que és feliz com a minha felicidade.

Termino oferecendo-te de novo a nossa casa, e enviando-te, em espírito até te ver aqui, um saudável abraço de muito afecto.

Mil beijos da tagarela que nunca mais acaba, da toda tua

Clementina»

## A modéstia

A modéstia sempre teve muito bom acolhimento na sociedade, porque sómente nos corações desprezenciosas é que se encontra esse sentimento. Quem não usa de modéstia, retrata o seu íntimo de ignorante, que não compreende o seu valor e o seu dever para com a humanidade.

Numa joven a modéstia faz todo o seu encanto. Um rapaz modesto é digno de

elogio. Na alma caridosa, só se deve encontrar um pensamento: fazer o bem sem pensar nos elogios que se lhe possam dispensar.

A verdadeira modéstia encontra-se no desinteressado. O homem que exerce um cargo elevado e pratica boas obras, não se deve orgulhar. Se sua modéstia fôr grande, duplica seu valor. Foi justamente para as pessoas de grandes merecimentos que a modéstia foi feita.

Na simples palavra modéstia é onde se encontra a candura dos corações bem formados.

As flores também conhecem o merito da simplicidade. O lírio, flôr tão delicada, é a mais modesta entre rosas e açucenas. E onde está o seu encanto senão na expressão da sua singeleza, perante o orgulho de suas ostentosas companheiras? O lírio simboliza a pureza. Essa flor nos mostra que a modéstia sobrees a todos os bons sentimentos do homem.

Ha outra flor que nos parece ainda ser mais simples do que o lírio: é a violeta. Ela é a rainha das flores, mas, nem por isso se deixa vêr, e sua simplicidade é tanta, que se esconde entre as suas folhas. A violeta, nos dá um belo exemplo do valor da modéstia.

Numa reunião onde se encontrem muitas jovens, a que representa o lírio será a mais modesta: a violeta porém mais encantadora.

A observação das flores ensina-nos a viver.

## Atenção!

Nenhum peregrino que saiba ler, deve deixar de adquirir um exemplar do interessante volume de 412 páginas, profusamente ilustrado com esplêndidas gravuras, «As grandes maravilhas de Fátima», da autoria do sr. Visconde de Montelo, que encerra a mais completa história das aparições e dos sucessos miraculosos e cujo produto líquido é integralmente destinado à Obra de Fátima.

Preço: dez escudos.

## As más companhias

Num cabaz boas maçãs  
Com outras podres juntei;  
As podres não melhorei,  
E apodreceram-me as sãs.

Que aconteça a um bom assim  
Se se une ao máo é razão:  
O máo melhora-se? Não:  
E o bom empeora? Sim.

Tudo se resume nisto:

«Dize-me com quem andas, dir-te-ei as manhas que tens.»

## CURIOSIDADES

Oitenta Pontífices romanos são venerados como santos, 31 como mártires e 43 como confessores. Dezenove Papas eram filhos ou parentes próximos de príncipes e outros tantos oriundos de famílias illustres. Muitos saíram da mais completa pobreza e obscuridade. Além de S. Pedro que foi pescador, Xisto IV filho de pescador foi também.

Alexandre V passou a sua juventude mendigando pelas ruas. O pae de Xisto V era um humilde lavrador e na infancia humilde pastoreiro. Bento XII passou a sua juventude fabricando pão. Urbano IV, assim como Gregório VIII, aprenderam com seus paes o officio de carpinteiro. Cinco Pontífices dedicaram-se antes disso á medicina. Júlio III era filho de um famoso jurisconsulto.